

Devemos orar só de joelhos?

Pág. 8

O Jubileu nos Ensinos de
Jesus Cristo

Pág. 3

O Apocalipse e a Segunda Vinda de Cristo

ESTE LIVRO DIVINO, O APOCALIPSE, — PENSEM OUTROS O QUE QUISEREM, — É A MAIS ADMIRÁVEL DAS PROFECIAS. TEM MANIFESTAMENTE POR OBJECTO OS TEMPOS RELACIONADOS COM A VINDA DO SENHOR, PREDIZ TODOS OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS QUE DEVEM PRECEDÊ-LA E SEGUI-LA. NELE SE ENCONTRA UMA DESCRIÇÃO GRANDIOSA DO APARECIMENTO DE JESUS CRISTO EM MAJESTADE E GLÓRIA ...

O TÍTULO DO LIVRO INDICA BEM O SEU OBJECTO, O SEU ALVO DETERMINADO: REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO. ESTE TÍTULO, ATÉ AGORA, NÃO TEM SIDO TOMADO SENÃO NUM SENTIDO PASSIVO, COMO SE QUISESSE DIZER UMA REVELAÇÃO FEITA POR CRISTO A ALGUÉM E RELATIVA A FACTOS ESCONDIDOS E FUTUROS.

MAS, POR MAIS QUE TENHA LIDO E RELIDO ESTAS PALAVRAS, E AS TENHA RELIDO IGUALMENTE NAS EPÍSTOLAS DE S. PAULO E DE S. PEDRO, NUNCA LHES ENCONTREI UM SENTIDO PASSIVO. MUITO PELO CONTRÁRIO. UMA VEZ, UMA ÚNICA VEZ, S. PAULO, A PROPÓSITO DE CERTA COISA, DIZ QUE RECEBEU POR REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO O EVANGELHO QUE ELE PREGAVA (GÁLATAS I, 12).

MAS, FORA DISSO, A EXPRESSÃO REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO SIGNIFICA SEMPRE: A MANIFESTAÇÃO, A VINDA, DO SENHOR QUE AGUARDAMOS ...

NÃO É POIS APENAS PROVÁVEL, MAS CERTO, QUE O APOCALIPSE ... É A MAIS MARAVILHOSA DAS PROFECIAS CONSAGRADAS AO APARECIMENTO E VINDA DO SENHOR.

AS PALAVRAS COM QUE COMEÇA, BEM COMO A SAUDAÇÃO QUE AS SEGUE, CONFIRMAM PLENAMENTE ESTA DECLARAÇÃO: «EIS QUE VEM COM AS NUENS, E TODO O OLHO O VERÁ.»

**De A Vinda do Messias em Glória e Majestade
pelo P. Manuel Lacunza, S. J.
(Século XVIII)**

S U M Á R I O

Reacção em Cadeia.
Devemos orar só de joelhos?
Gerentes de Deus
O Jubileu nos Ensinos de Jesus
História do Mês
Através do Mundo Adventista
A República do Níger abre a Porta à Mensagem
Notícias do Campo
Breves notícias da Divisão Euro-Africana

REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

MARÇO DE 1973

ANO XXXIV

N.º 318

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º
S A C A V Ê M

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.

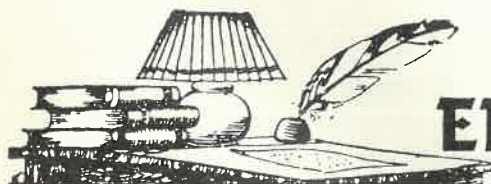
Composto e impresso na

Alam.: D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (ex-
cepto Brasil e Es-
panha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página
EDITORIAL

REACÇÃO EM CADEIA

Empenhados como estamos em MISSÃO 73, e vivamente interessados em ganhar para Cristo o maior número de almas durante este ano, necessitamos de estudar de perto os métodos bíblicos que nos permitam o maior êxito nesta apaixonante aventura.

Certamente que as reuniões públicas, e em especial os sermões, desempenham uma parte importante, que não pode ser menos-prezada nem substituída.

Mas ouçamos a instrução que vem até nós: «Tem-me sido mostrado por anos que o trabalho feito de casa em casa é o que torna bem sucedida a pregação da Palavra.» — Evangelismo, p. 433.

Sendo assim, é evidente que para o êxito de MISSÃO 73 se torna necessário que as reuniões públicas sejam acompanhadas de um intenso trabalho pessoal.

Ao lermos o Novo Testamento, ficamos impressionados com o papel que o trabalho pessoal desempenhou no tempo de Jesus e dos Apóstolos.

Quando André encontrou o Messias anunciado por João Baptista, não guardou a preciosa descoberta para sozinho a desfrutar. Foi ter com o seu irmão Simão, «e disse-lhe: Achámos o Messias (que, traduzido, é o Cristo). E levou-o a Jesus.» João 1:41, 42.

Por sua vez, Filipe, após idêntica descoberta, imediatamente a transmitiu a seu amigo Natanael. E disse-lhe: «Havemos achado Aquele de Quem Moisés escreveu na Lei, e os profetas: Jesus de Nazaré, filho de José.» Perante a hesitação de Natanael, Filipe convidou-o para ver com os seus olhos, como hoje convidaríamos um amigo para nos acompanhar à igreja: «Vem e vê.» João 1:45, 46.

Outrotanto fez a Samaritana. Depois de ter reconhecido em Jesus o Messias, «deixou a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um Homem que me disse tudo quanto tenho feito; porventura não é este o Cristo?»

Sairam pois da cidade e foram ter com Ele.» E muitos creram n'Ele, n'Ele reconhecendo o que os próprios judeus se recusaram a admitir. E o seu testemunho foi: «Sabemos que este é verdadeiramente o Cristo, o Salvador do Mundo.» João 4:28, 29, 42.

Quando o endemoninhado gadareno viu em Jesus o seu Redentor e Senhor, não quis apartar-se mais da Sua companhia. O Mestre, porém, embora apreciando a sua grata ambição, tinha para ele outro plano. Salvo, devia realizar um trabalho pessoal para a salvação de outros e por isso lhe disse: «Vai para tua casa, para os teus, e anuncia-lhes quão grandes coisas o Senhor te fez, e como teve misericórdia de ti.» E que fez ele? Não teve um momento de hesitação. «Foi, e começou a anunciar em Decápolis quão grandes coisas Jesus lhe fizera; e todos se maravilharam.» Marc. 5:19, 20.

*Antes de subir ao Céu, Jesus deu aos Seus seguidores a mesma incumbência: «Ser-*Me-eis* testemunhas, tanto em Jerusalém, como em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra.» Act. 1:8.*

E os crentes da igreja primitiva assim fizeram. Como lemos em Actos, «todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar, e de anunciar a Jesus Cristo.» Act. 5:42. E qual foi o resultado? Segundo o testemunho do próprio sumo sacerdote, «enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina.» Act. 5:28.

Em breve se desencadearam perseguições e os cristão tiveram que se dispersar. Mesmo assim, continuaram a fazer o seu trabalho individual: «Os que andavam dispersos iam por toda a parte, anunciando a Palavra.» Act. 8:4.

O que sucedeu outrora é o que deve repetir-se hoje. Se não limitarmos o nosso trabalho ao «templo», mas o estendermos às «casas», ganharemos almas e MISSÃO 73 será um êxito.

Ernesto Ferreira

Devemos Orar só de joelhos?

por Moisés S. Nigri

Vice-Presidente da Conferência Geral

De vez em quando alguns irmãos têm perguntado se orar de pé ou sentado, na igreja, é uma atitude que podemos aprovar. E são citados alguns trechos da Bíblia e do Espírito de Profecia para apoiarem a opinião de que a oração, na igreja ou em reuniões do povo de Deus, deve ser feita de joelhos.

Para deslindar esse assunto e trazer luz sobre o mesmo, consultámos os arquivos da irmã White que estão na Sede da Conferência Geral, em Washington, capital dos Estados Unidos.

Como o material que obtive é bastante completo, desejo apenas passá-lo quase que na sua íntegra para que os leitores da *Revista Adventista* possam tirar as suas conclusões e ter o pensamento certo, a esse respeito.

1. Um artigo do Pastor F. D. Nichol, escrito na secção editorial da *Review and Herald* (Revista Adventista para os Estados Unidos e o mundo inteiro), em 28 de Janeiro de 1965; o Pastor Nichol já faleceu, mas foi o redactor-chefe da *Review* por várias décadas; a sua opinião abalizada e o seu convívio com a irmã White podem ser considerados elementos de bom juízo para que ele escrevesse como escreveu.

2. Uma carta do Pastor Artur L. White, neto da irmã White e secretário do Departamento de Publicações de Ellen G. White, que ele escreveu respondendo ao pastor B. F. Hartman. Tendo ele também convivido com a sua avó e conhecendo bem os escritos dela, a sua opinião é de grande valor para todos.

3. Um documento preparado pelos escritórios das Publicações de Ellen G. White, no qual aparecem algumas citações já conhecidas ou inéditas da pena de própria irmã White e que deverão esclarecer de uma vez para sempre as perguntas ou dúvidas que, porventura, ainda possam existir na nossa mente.

Na Bíblia, encontramos que a oração de joelhos não foi a única atitude usada pelos servos de Deus; vêem-los orarem de pé, de joelhos ou até deitados, como no caso do

rei Ezequias. Ler S. Mateus 6:5-9: Jesus não disse categoricamente que devemos ajoelhar-nos para fazer o Pai Nosso. Temos a impressão de que várias orações Jesus as fez de pé (na multiplicação dos pães, por exemplo), porque não há nenhum mandamento que diga que a oração deve ser feita de joelhos.

«Atitude na Oração»

Passemos agora ao material mencionado:

«Um assinante faz uma pergunta quanto à postura na oração. Ele declara que alguns na sua igreja acham que todas as vezes que oramos a Deus, devemos ajoelhar-nos. Citam certos trechos dos *Testemunhos* para apoiar o seu ponto de vista, e crêem conscienciosamente que devem ajoelhar-se na pé. Ele pergunta: «Qual era o costume da irmã White?»

«Se volvermos a atenção para os escritos da sra. White, não há dúvida que ela declara que a atitude apropriada na oração é a de joelhos, a fim de que manifestemos o máximo de reverência. Mas, é um facto interessante que numa das suas afirmações mais amplas sobre essa questão ela prossegue dizendo que «não há tempo nem lugar impróprios para se erguer a Deus uma oração. ... Entre as turbas de transeuntes na rua, entre uma transacção comercial, podemos elevar a Deus um pedido» (*Mensagens Escolhidas*, Livro 2, pág. 316). Esse trecho é uma citação de uma obra mais antiga: *Aos Pés de Cristo*. No mesmo lugar ela cita um trecho da página 258 do livro *Obreiros Evangélicos*: «Podemos falar com Jesus no caminho.» E cita depois este outro trecho de *A Ciência do Bom Viver*, pág. 511: «Para orar não é necessário que estejais sempre prostrados de joelhos. Cultivai o hábito de falar com o Salvador quando sós, quando estais caminhando, e quando ocupados com os trabalhos diários.»

«No livro *Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 152, encontra-se o relato do apelo que ele fez aos irmãos na sessão da Conferência Geral em 1909, dizendo: «Erguer-vos-eis aqui e dareis testemunho de que fareis de Deus a vossa confiança e o vosso ajudador?» Então, depois de se levantarem, ela proferiu uma breve oração, mencionada em seguida.

«O estudo dos manuscritos da Sr.^a White arquivados nos escritórios do Património White revelam a existência de outras ocasiões em que ela convidou os seus ouvintes num culto público a erguer-se em sinal de consagração, e depois de se levantarem ela fe uma oração.

«Creio que em vista de tudo isso podemos chegar às seguintes conclusões: 1) Que um espírito de profunda reverência deve sempre apoderar-se de nós ao orarmos a Deus, e na maioria das circunstâncias isto é revelado no mais alto grau pelo acto de nos colocarmos de joelhos; 2) Como sucede com a maioria das regras, há excepções muito plausíveis, como indicam as alusões acima ao modo de proceder da própria sr.^a White. No tocante aos princípios e conselhos bíblicos, sempre consideramos prudente acatar a amplitude da orientação dada pela Palavra de Deus. O mesmo acontece no tocante aos conselhos da sr.^a White. Normalmente, em ocasiões habituais de oração nas nossas igrejas, sem dúvida é bom ajoelhar-se. Isso aplica-se especialmente à oração principal do culto de sábado. Creio que existe grande diferença entre esta oração e as breves palavras de bênção, por exemplo. Obviamente, não podemos ser dogmáticos a respeito de todos os pormenores. Procuremos apegar-nos ao princípio, fazendo porém excepções razoáveis, como o fez a irmã White. Assim não somente teremos reverência, mas seremos libertados da confusão que resultaria de alguns se ajoelharem e outros não.» — *Francis D. Nichol*.

«Prezado irmão Hartman»:

«Recebi a sua carta, escrita em 25 de Dezembro, contendo algumas perguntas a respeito das declarações da irmã White sobre a atitude a ser manifestada na oração.

«Preparamos uma comunicação escrita, mencionando algumas citações e examinando algumas das suas perguntas. Está incluída nesta carta, e solicito-lhe que a aceite como parte da minha resposta.

«Não consideramos impróprio ficar em pé durante a invocação ou a bênção, ou mesmo durante uma oração de consagração quando as pessoas foram convidadas a ir à frente. Penso que Ellen G. White esclarece bem o seu ponto de vista por meio do que ela escreveu. Existe certa significação no acto de ajoelhar-se em oração, e não devemos perdê-la de vista. Por este motivo, creio que sempre que for possível fazê-lo devemos ajoelhar-nos na hora da oração principal do Culto Divino.

«Reconhecendo que há ocasiões e circunstâncias em que não é possível orar de joelhos. Às vezes, durante reuniões efectuadas em salões públicos ou em lugares repletos, ou quando o soalho é sujo e áspero, não é conveniente ajoelhar-se, e acho que em tais circunstâncias é melhor permanecer de pé. Isto constitui, porém, a excepção e não a regra.»

«Os nossos ministros, ao chegarem à plataforma, devem ajoelhar-se. Ellen White torna bem clara esta parte, e isto é apresentado no *Manual para Ministros* (em inglês, edição de 1954), capítulo 8, intitulado «Oração em Público.» Uma alusão especial a este ponto encontra-se na página 78, numa citação extraída de *Testimonies*, vol. 5, págs. 492 e 493. Certamente, seria apropriado que os ministros se ajoelhassem antes de se dirigirem para o púlpito. Lembro-me, porém, de circunstâncias em que foi proferida uma breve oração enquanto todos permaneciam de pé. Prefiro a oração de joelhos. Não temos instruções explícitas acerca deste assunto.

«Quanto à Ceia do Senhor, o irmão tem toda a razão. Provavelmente, os discípulos do Senhor achavam-se reclinados, e penso que talvez não se houvessem levantado dos seus divãs para ajoelhar-se enquanto era proferida a oração. Pessoalmente, creio que o que era apropriado em conexão com a Ceia instituída por nosso Senhor, também seria apropriado ao comemorarmos aquela ocorrência nas cerimónias que efectuamos trimestralmente. O *Manual para Ministros* não declara se o pastor deve ou não ajoelhar-se ao ser implorada a bênção sobre o pão e o vinho. Recomenda que a congregação não se ajoelhe, o que dá a entender que os ministros podem fazê-lo. Acho que devemos seguir o nosso critério nessa questão. Esta não é a oração principal do culto, que já foi proferida, estando a congregação ajoelhada, ao início do Culto Divino, do qual faz parte o serviço de comunhão.

«No tocante à sua quarta pergunta, referente ao acto de ajoelhar-se para iniciar a reunião de uma comissão ou de uma mesa administrativa, penso que é bom fazê-lo, mas nem sempre adoptamos este costume aqui no escritório da Conferência Geral. Às vezes ajoelhamo-nos, outras vezes inclinamos a cabeça para uma breve oração. Tivemos o culto matinal, ajoelhamo-nos durante a reunião devocional, e consideramos o pedido de que a bênção de Deus repouse sobre o trabalho da comissão como se estivéssemos implorando a Sua bênção sobre o alimento de que vamos participar. Se houver assuntos importantes a tratar, naturalmente será conveniente ajoelhar-se no período de oração. Creio que seria perfeitamente apropriado iniciar as reuniões de uma junta ou comissão, em que são considerados problemas da igreja, com uma oração de joelhos, mas em assuntos desta natureza precisamos de chegar a um acordo com os nossos grupos nas nossas comunidades. Pessoalmente, inclino-me mais a favor do acto de ajoelhar-se do que possa ser considerado necessário. Creio que este acto tem alguma significação.

«Desejamos-lhe as bênçãos do Senhor ao dirigir as nossas igrejas de modo judicioso e moderado. Com os melhores votos de felicidade, sou o irmão em Cristo. a) *Artur L. White*, secretário das publicações de Ellen G. White.

«Oração em Pé»

«O irmão faz algumas perguntas a respeito das declarações de Ellen G. White de que sempre devemos ajoelhar-nos para orar, conforme lemos em *Obreiros Evangélicos*, págs. 178, 179 e *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, págs. 311-316, e pergunta se há determinadas circunstâncias em que E. G. White recomenda que oremos de pé, ou se houve ocasiões em que ela mesma permaneceu de pé ao orar.

«Na sessão da Conferência Geral de 1909, E. G. White falou um dia, e ao concluir a sua mensagem, disse o seguinte:

«Que o Senhor vos ajude a lançar mão dessa obra como nunca dantes o fizestes. Fá-lo-eis? Erguer-vos-ei aqui e dareis testemunho de que fareis de Deus a vossa confiança e o vosso ajudador? (Levanta-se a congregação).

«(Orando) «Graças Te dou, Senhor Deus de Israel. Aceita esse compromisso deste Teu povo. Põe sobre eles o Teu Espírito. Seja neles vista a Tua glória. Ao falarem eles a Palavra da verdade, vejamos nós a salvação de Deus. Amén.» — *General Conference Bulletin*, 18 de Maio de 1909. Publicado em *Mensagens Escolhidas*, Livro I, pág. 152.

«Esta experiência não é um caso isolado. Ellen White falou na igreja de Oakland, Califórnia, no dia 7 de Março de 1908. Ao concluir o sermão, ela convidou a congregação a atender ao seu apelo. Relatamos o apelo e o começo da oração da maneira em que se encontram nos nossos arquivos.

«... Convidamos-vos agora a busca ao Senhor de todo o coração. Os que tomarem a resolução de desvencilhar-se de todas as tentações do inimigo e dirigir-se para o Céu, querem demonstrá-lo colocando-se em pé? (Quase toda a congregação atendeu ao apelo).

«Almejamos que cada um de vós seja salvo. Almejamos que, para vós, os portais da cidade de Deus girem sobre os seus gonos reluzentes, dando entrada a vós e a todas as nações que observaram a verdade. Prestaremos ali louvor, e acções de graças, e glória a Cristo e ao Pai, para sempre e eternamente. Queira Deus ajudar-nos a ser fiéis no Seu serviço durante o conflito, vencendo afinal e conquistando a coroa da vida eterna.

«(Orando) Meu Pai celestial, venho a Ti neste momento, assim como estou, pobre e necessitada e confiante em Ti. Suplico-Te que outorgues a mim e a este povo a graça que aperfeiçoa o carácter cristão ...» — *Manuscrito 35*, 1908.

Na igreja de Oakland, no ano seguinte, a 8 de Fevereiro de 1909, ela falou sobre a necessidade do Espírito Santo na nossa vida. Concluiu a mensagem com um apelo. Citamos novamente o que se encontra no arquivo de manuscritos:

«... A não ser que haja resolutos esforços da vossa parte, o Espírito não descerá sobre vós, e os resultados manifestados após o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes não serão vistos entre vós. Pergunto: quem quer fazer agora um esforço decidido para obter a educação mais elevada? Os que quiserem, manifestem-no colocando-se em pé. (A congregação levantou-se.) Aqui está toda a congregação. Queira Deus ajudar-vos a cumprir o compromisso assumido. Oremos.

«(Orando) «Pai celestial venho a Ti neste momento, assim como estou, pobre, débil, indigna, e suplico-Te que impressões o coração das pessoas aqui reunidas. Transmítihes a Tua palavra, mas somente Tu, ó Senhor, podes torná-la eficaz ...» — *Manuscrito 7*, 1909.

«Em 1934, o Pastor D. E. Robison, respondendo a uma pergunta semelhante à que foi feita pelo irmão, declarou o seguinte:

«Diversas vezes estive presente em reuniões campais e sessões da Conferência Geral em que a própria irmã White fez oração, estando a congregação e ela mesma em pé.» — Carta de *D. E. Robinson*, 4 de Março de 1934.

«Esta informação é útil para combater a insinuação de que devemos ajoelhar-nos durante toda e qualquer espécie de oração. Na página 316 de *Mensagens Escolhidas*, Livro 2, encontram-se as seguintes declarações:

«Não há tempo nem lugar impróprios para se erguer a Deus uma oração. ... Entre as turbas de transeuntes na rua, em meio de uma transacção comercial, podemos elevar a Deus um pedido, rogando a direcção divina, como fez Neemias quando apresentou o seu pedido perante o rei Artaxerxes.» — *Aos Pés de Cristo*, págs. 88 e 89.

«Podemos falar com Jesus no caminho, e Ele diz: Estou à tua mão direita. Podemos comunicar com Deus no nosso coração; andar na companhia de Cristo. Quando empenhados nos nossos trabalhos diários, podemos exalar o desejo do nosso coração, de maneira inaudível aos ouvidos humanos;

(Continua na pág. 16)

GERENTES DE DEUS

por S. L. Folkenberg

No artigo precedente estudámos o conceito de Deus acerca da nossa relação para com Ele como Seus gerentes, responsáveis pelos Seus bens na terra. Vimos que tempo, talentos e meios são Seus para serem usados como Ele o indique. Vamos agora voltar-nos dos bens materiais que Deus colocou em nossas mãos e estudar juntos o uso do Seu tempo, concedido a cada um de nós. Será possível que eu seja egoísta no uso do tempo que me é emprestado por Deus? Este é um talento em que todos temos a mesma quantidade. Como o usamos afecta o nosso destino eterno, porque «de nenhum talento que nos concedeu requererá Ele mais estrita conta do que do uso do nosso tempo.» (1).

Como deve usar o seu tempo?

A própria vida consiste em tempo. É como um rolo de notícias impressas indo através da imprensa da vida. Pode Deus aprovar o que estamos imprimindo nessas horas preciosas? Como usamos estes efêmeros momentos significa pão ou necessidade, cultura ou ignorância, crescimento ou estagnação, conhecimento real de Deus ou completa ignorância d'Ele. Assim, a maneira como usamos o tempo decide o nosso destino para toda a eternidade. É extraordinário que o Senhor tenha dito: «Somos advertidos a remir o tempo. O tempo esbanjado nunca poderá ser recuperado... Utilizar o melhor possível o que nos resta, tornando-nos coobreiros de Deus... Dá-se no homem que faz isto uma transformação de carácter.» (2). Como devemos usar o Seu tempo? Usai-o como o Senhor o faria se estivesse em nosso lugar! Aos jovens a Escritura diz: «Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade.» (3). A vida é uma estrada dourada diante de vós, na qual Ele espera andar convosco. Sim, «o nosso tempo pertence a Deus. Cada momento é Seu e estamos sob a mais solene obrigação de aproveitá-lo para Sua glória.» (4).

Sou eu um anão espiritual no trabalho em favor dos outros?

Não reservar tempo para trabalhar em favor dos outros exerce uma dupla influência sobre nós próprios. Em primeiro lugar,

tende a aumentar o egoísmo, exactamente aquilo que devemos vencer. Em segundo, tende à introversão e aumenta a nossa reserva em ter contacto aberto com outros que poderíamos ajudar. «A igreja ou aqueles membros que se fecham a si mesmos, em breve sofrerão de debilidade espiritual. É o trabalho que mantém um homem forte. E o trabalho espiritual é o que dá vigor à igreja de Cristo.» (5). Temos um trabalho a fazer. Lembrem-se? Poderíamos ter poder «que faria tremer o mundo.» (6). Os filhos de Deus devem ser fortes na fé, cheios de amor uns pelos outros e totalmente dedicados, embora poucos em número. Através do uso apropriado do nosso tempo estes atributos aumentarão em vigor. Através de Cristo nós podemos «elevar nossas capacidades e aptidões ao mais alto grau de desenvolvimento» em vez de nos contentarmos com ser «anões na obra de Cristo.» (7). Anão espiritual — é assim que Deus me considera? Conformo-me com permanecer nesta condição? Poderá isto desculpar a minha falta de poder e crescimento? O Senhor chama-nos para crescermos n'Ele através do uso apropriado do nosso tempo — não, do Seu tempo. Antes de podermos apresentá-l'O a outros como nosso Amigo e Salvador, temos de tomar primeiramente tempo para O conhecermos nós próprios. Claro está que não podemos, sem pôr em perigo a nossa esperança de vida eterna, ignorar um uso equilibrado do nosso tempo: em parte pelo nosso desenvolvimento pessoal e em parte pelo testemunho aos outros.

Como posso eu ajudar a minha Igreja a crescer mais depressa?

«Onde há vitalidade, há crescimento: o crescimento testifica da vitalidade.» (8). Vitalidade espiritual pode vir apenas de Cristo vivendo no coração. Ele dirigirá as nossas vidas, mostrar-nos-á como testemunhar para os outros e, transformando as nossas vidas, atrairá outros a Si próprio. Não há muito tempo, alguém falando a um dedicado membro perguntou: «Diga-me, o que é que o faz tão diferente?» Imediatamente veio a calma resposta: «Eu amo ao Senhor e Ele dirige a minha vida.» Que pergunta! «O que o faz tão diferente?» Somos nós realmente diferentes? Cristo era. Num mundo de hipocrisia, Ele era sincero. Num mundo de egoísmo, Ele tomava tempo para partilhar com os outros. Num mundo de frieza, Ele era cordial e compassivo. Num mundo de miséria, Ele era amável e bondoso. Assim posso eu ser, se Ele habitar plenamente em meu coração. Jesus tomou tempo para Se preocupar — o mesmo de-

vemos fazer nós. Muitos receberam uma bênção eterna — o mesmo acontecerá através do nosso ministério.

Naturalmente, a igreja é o que nós somos. Se somos cristãos cordiais, activos, os outros senti-lo-ão. Visitas, pecadores, encontrando esse amor e interesse pessoal, serão atraídos para Jesus, o nosso Amigo. Assim, o nosso tempo, devidamente usado, deixa uma marca indelével nas vidas daqueles que passam junto de nós. Aprendem a conhecê-lo pelo facto de nos conhecerem a nós e desta maneira a igreja crescerá.

Como posso eu utilizar o meu tempo como Cristo o fez?

«Apenas os métodos de Cristo terão verdadeiro êxito em alcançar as almas. O Salvador uniu-Se aos homens como um que queria o seu bem. Mostrou Sua simpatia por eles, ministrando às suas necessidades e ganhou a sua confiança. Então Ele disse: 'Segue-Me'» (19). Analisemos a Sua maneira de trabalhar em favor dos outros.

1. «*Uniu-Se aos homens como alguém que queria o seu bem.*» Não Se isolou deles, nem se escondeu atrás de um muro de reserva. Não esperou que viessem à Sua igreja, mas foi onde eles estavam. Visitou os seus lares, assistiu às suas reuniões — mesmo no lar de um dos publicanos que os judeus mais odiavam. O mesmo devemos nós fazer.

2. «*Mostrou Sua simpatia por eles.*» Regozijava-Se com eles: encontramo-l'Os no casamento. Trabalhava com eles. Chorava com eles. Era um com eles e sabia que Se importava com eles. Era realmente «o guardador de seu irmão.»

3. «*Ministrou às suas necessidades.*» Saiu do Seu caminho para ajudar os que tinham problemas, físicos ou espirituais. A Sua vida foi uma vida de serviço em favor dos outros, nunca voltando costas para evitar ser envolvido nos seus cuidados.

4. «*Ganhou a sua confiança.*» O Seu sincero interesse, o Seu amor e compreensão, quebraram todas as barreiras. E, por sua vez, eles amaram-n'Os.

5. «*Então Ele disse: 'Segue-Me'.*» O Seu manso apelo, num convite vindo do mais profundo do Seu coração, encontrou resposta por parte deles.

Notemos agora o clímax desta declaração e vejamos como Cristo trabalhava: «... se se passasse mais tempo em ministério pessoal, maiores resultados se poderiam ver ... Acompanhado do poder de persuasão, o poder de oração, o poder do amor de Deus, este trabalho NÃO SERÁ NEM PODE SER SEM FRUTO.» (10). Irmãos e irmãs, com toda a sinceridade vos pergunto: Quem trouxemos nós pessoalmente a Cristo atra-

vés do nosso testemunho? Temos nós realmente partilhado com outros o Seu tempo? Podemos desculpar-nos dizendo que não temos tempo ou que não nos ouvirão? Conhecemos nós realmente ao Senhor de maneira tão íntima que possamos apresentá-l'Os a outros como o nosso Amigo mais querido? São outros atraídos a Ele pelo facto de nos conhecerem a nós? Por favor, encaremos estas perguntas honestamente. Na resposta correcta reside a nossa felicidade presente e o nosso destino eterno.

Estes três poderes prometidos por Deus assegurarão êxito ao testemunho.

1. «*O poder de persuasão.*» Quando poderemos nós, depois de termos ganho a confiança de uma pessoa, convidá-la a dar o seu coração ao Senhor? Somente Ele pode impressionar-nos com o que dizer e quando. Mas o Espírito Santo estará presente para persuadir quando apresentamos Aquele que conhecemos intimamente a amamos.

2. «*O poder da oração.*» Ao orarmos por sabedoria no nosso labor pelas almas, ficaremos impressionados com o que dizer e quando dizê-lo. O milagre que se segue fortalecerá a vossa confiança e a fé do candidato ao céu, a quem estais testemunhando. Somente Deus pode ganhar uma alma, mas Ele espera que nós sejamos coobreiros com Ele e entremos na Sua alegria.

3. «*O poder do amor de Deus.*» Este poder deve motivar cada acção em cada momento desperto de nossas vidas, envolvendo-nos a nós e àqueles com quem privamos em nossas vidas, com a alegre atmosfera do céu. O testemunhar a outros que os amais realmente como Jesus os ama, e que a vossa maior alegria vem do trabalho em favor dos outros, não será em vão. Tomai a Sua palavra, aceitai esta promessa: «Esta obra não será nem pode ser sem fruto.»

Um conhecimento intelectual de doutrinas pode apenas transmitir como fruto um frio formalismo. A menos que o próprio amável Jesus aqueça os nossos corações, a nossa experiência religiosa e testemunho serão vazios. Permitamos que o Seu caloroso amor inunde os nossos corações para que possamos trabalhar como Ele trabalhou e o Seu carácter será verdadeiramente espelhado em nossas vidas. Deste modo, seremos «Seus veículos por meio dos quais será transmitida luz ao mundo.» (11).

Um solene Apelo

Um relatório recente indica que nos passados doze anos a Igreja Mormon cresceu 94 % em todo o mundo. Foi-lhes necessário

(Continua na pág. 19)

O JUBILEU NOS ENSINOS DE JESUS CRISTO

por Daniel Simões da Silva

Uma vez que o Senhor Jesus inaugurou Seu ministério proclamando um ano aceitável do Senhor ou seja um ano do Jubileu com todas as suas implicações, fácil será de supor que nos Evangelhos haja uma manifesta alusão às operações que tais práticas prescreviam. São elas: o descanso das terras aráveis, a remissão das dívidas, a libertação dos escravos (estas, todos os sétimos anos ou anos sabáticos) e por fim cada 49 anos, no ano do Jubileu: a redistribuição dos haveres ao possuidor original, além das três primeiras operações. Vejamos as diversas alusões feitas por Cristo, em Seus ensinamentos.

PRIMEIRA OPERAÇÃO: O Descanso do solo arável

O Salvador não faz qualquer referência directa a esta operação. O Seu silêncio não deve fazer-nos estranhar, se considerarmos que esta era a única prescrição jubilar que, depois de entrar nos costumes judaicos, subsistia ainda nos tempos do Novo Testamento, ainda que com dificuldades para os proprietários. Talvez por ser uma reminiscência do repouso sabático semanal, de que se inquietava bastante por as terras não produzirem cada sete anos. Para combater tal desânimo, Moisés prescrevera em Lev. 25:20, 21: «Se disseres: que comeremos no ano sétimo visto que não havemos de semear, nem colher a nossa novidade, então Eu mandarei a minha bênção sobre vós no sexto ano, para que dê fruto por três anos». Jesus Cristo dirige-Se aos discípulos, quase nos mesmos termos: «Não andeis inquietos dizendo: que comeremos, ou que beberemos... vosso Pai celestial bem sabe que necessitais... Buscai primeiro o reino de Deus e sua justiça...» (S. Mat. 6:31, 33.) Que justiça haveriam de buscar? A mesma que Ele referiu a João: «Deixa (aphes) por agora, pois nos convém cumprir toda a justiça...» Aquela relacionada com a «aphesis» jubilar, traduzida pelas expressões, remissão, liberdade, aceitação (ou graça) e perdão. Eles deviam buscar a melhor parte, que Marta não obteve devido aos cuidados deste mundo, mas Maria escolheu.

Uma tal exortação: «Não andeis inquietos, etc.» poderia ser mal interpretada por muitos, como encorajando a preguiça e a negligência. Mas, à luz do Jubileu, ela esclarece-se. Diz A. Trocmé: «Dois séculos depois de Jesus Cristo, os Judeus ortodoxos que ficaram na Palestina ainda praticavam o Ano Sabático (o descanso das terras cada sétimo ano)» (1). A avaliar por certas histórias, em que os pagãos ridicularizam os Judeus, o repouso do solo arável permaneceu ainda depois de Cristo. Portanto, facilmente se compreende porque apenas há as indirectas referências do Mestre.

SEGUNDA E TERCEIRA OPERAÇÕES: A remissão das dívidas e a libertação dos escravos

Estas duas disposições jubilares serão analisadas em conjunto, visto que as dívidas motivavam a servidão, como já vimos. Elas, ao contrário da primeira implicação, encontram-se no centro da Teologia do Rabi da Galileia. Vejamos isso mesmo, em Seus ensinamentos:

O Pai-Nosso:

Esta oração dada aos discípulos como modelo para as relações com o Pai contém, em resumo, o pensamento do Mestre sobre a oração. Logo no início, o Salvador nos envia a Alguém que é o nosso Pai, e que Se interessa pelo bem dos Seus filhos por igual, como aliás é apresentado pelo jubileu.

Mas, aos poucos, chegamos ao centro da segunda prescrição do Jubileu, quando diz: «Perdoa-nos (aphes-libertar, remir, etc.) as nossas dívidas assim como nós perdoamos (aphekamen) aos nossos devedores». A versão Almeida traduziu «opheilema» por dívidas, melhor que por ofensas, visto este termo grego significar, precisamente, uma dívida em dinheiro (ver Dicionário de A. Bailly). Logo o Senhor recomenda aos Seus discípulos, não meramente que perdoem àqueles que os ofenderem com simples problemas, mas que liquidem (áphie-mi) as dívidas em dinheiro que lhes devem, isto é: que pratiquem o Jubileu, que pres-

creve em Deut. 15:1 a remissão das dívidas. E o que se torna interessante verificar, é que Jesus, para referir também os pecados e ofensas, teve que empregar uma glosa suplementar: «Porque, se não perdoardes aos homens as suas ofensas (o termo aqui usado é «paraptōma», que significa transgressão ou pecado) ... também vosso Pai não perdoará as vossas ofensas (paraptoma)» (Mat. 6:14, 15.). A oração do Senhor estabelece uma rigorosa equação jubilar entre a prática da justiça e a graça de Deus: unicamente o que pratica a graça pode ser objecto da graça. E. G. White declara por outras palavras: «Aquele que não perdoa obstrui o próprio conduto pelo qual unicamente pode receber misericórdia de Deus» (2). Assim, a «aphesis» divina não será em vão, quando pomos em prática a «aphesis» para com os nossos irmãos. Para melhor compreendermos esta equação do Jubileu, vejamos duas parábolas do Senhor.

A Parábola do Credor Incompassivo (3)

Esta ilustração de Jesus vai confirmar-nos que só haverá graça para quem praticar o perdão. «Aquele que recusa perdoar rejeita a única esperança de perdão», diz o Espírito de Profecia (4).

Jesus compara «o reino dos céus» (a graça divina) à história de um certo rei que perdoou a seu servo uma grande soma, o qual por sua vez não exerceu perdão para com um seu companheiro que lhe devia uma insignificância.

Esta parábola, como todas, é tirada de mais um episódio conhecido de Cristo, possivelmente na Galileia, durante a Sua juventude. Trata-se de um camponês, que tendo-se endividado sobremaneira para com o Rei Herodes, o Grande, em mil talentos (cerca de 300 milhões de escudos), foi reduzido à servidão, com sua mulher e filhos, afim de saldar a dívida. Esta situação é descrita por S. W. Baron, em sua «História de Israel», onde conta como o camponês galileu, outrora rico proprietário, ficara reduzido à escravatura pela sequência de endividamentos progressivos. Claro que existe uma explicação fácil para tal situação: Herodes sobrecarregava os galileus com pesados impostos, chegando ao extremo de expropriar os proprietários recalcitrantes. Para escapar a uma tal situação, o camponês contraía empréstimos a um credor ou usurário, que era intermediário entre ele e o intentente do rei, o cobrador de impostos (publicano). Suas propriedades eram dadas como hipotecas, vindo bem depressa a cair nas mãos do usurário, de quem o agricultor se tor-

nava devedor, ou servo, para utilizar a expressão daquele tempo. Esta situação não terminava aqui. Os débitos do camponês tornavam-se insolventes, acumulando-se sucessiva e astronômicamente. Para se reembolsar, o credor ordenava então que o devedor fosse vendido, juntamente com sua família (mulher e filhos) e tudo o que possuía, a fim de que sua dívida fosse liquidada.

Este é o contexto social em que aparece o servo incompassivo da parábola. Este, tendo perdido os seus bens e a liberdade, é apresentado por Jesus como tendo sido perdoado e liberto. De facto, sobrevivendo o Jubileu, o servo endividado comparecia perante o rei, a fim de que fosse objecto da «remissão» prescrita pela Lei, de que Herodes foi aparentemente cumpridor, pelo menos no aspecto social. A parábola diz: «Soltou-o e perdoou-lhe (verbo aphiemi) a dívida». Entretanto, esta história prossegue ilustrando-nos a situação jubilar de então através da recusa de praticar o jubileu por parte de alguns. Vemo-lo neste servo incompassivo que, ao sair do paço real, onde fora perdoado, encontrou-se com um de seus companheiros de servidão, que lhe devia a módica quantia de 100 dinheiros (cerca de 500\$00) e, ameaçando-o, «sufocava-o dizendo: Paga-me o que me deves». Denunciado pelos outros companheiros, foi de novo conduzido à presença do rei, que ordenou que fosse reduzido ao tormento da servidão, até que saldasse o seu débito, cancelando-lhe assim a beneficência que o Jubileu outorgava, porque ele mesmo não praticou tal remissão. Conclusão desta ilustração: não haverá graça para quem não exercer graça.

A Parábola do Mordomo Infiel (5)

Como sabemos, na Galileia, a maioria dos antigos proprietários rurais tinham perdido sua independência pelas exações de Herodes e de seus filhos. O povo estava reduzido a uma semi-escravidão, devido a serem forçados a hipotecar seus bens. E agora vamos entrar no contexto da parábola do mordomo infiel. Os frutos da terra: azeite, trigo, etc., que eles tributavam a seu senhor, cifravam-se por vezes a mais de metade das colheitas. Lembremo-nos do paralelismo existente ainda hoje, em certos países arábes e indianos, onde subsiste o sistema do «Hamsin» e dos «Zamindars», respectivamente.

As condições dos camponeses israelitas agravam-se com a ausência de proprietários. Uma hierarquia de funcionários intermediários: publicanos, cobradores de impos-

tos, alfandegários, intendentess, mordomos, etc., tomavam à risca a cobrança das dívidas ou impostos. Estes extorquiam aos devedores somas arbitrárias, que excediam de longe os alugueres, rendas ou impostos realmente devidos. Contudo, os pobres galileus nada podiam fazer para obstar a tal servidão, a ninguém podendo recorrer. Os intendentess do rei apresentavam aos seus senhores contas fraudulentas, o que permitia acumular em poucos anos, segundo a expressão de Jesus, «riquezas injustas». Era prosseguindo nesta senda que eles perdiam as verdadeiras riquezas, ou seja: a amizade de seus concidadãos. Isto é realçado na inimizade votada pelo povo aos publicanos.

Esta parábola do mordomo infiel relata-nos como um certo senhor ou rei descobriu que um dos seus intendentess era infiel para consigo. Este não satisfeito com explorar os devedores roubava também o patrão, ao qual apresentava falsas contas. Sendo descoberta a fraude, o mordomo foi tocado na sua consciência. Compreendeu que jamais podia restituir ao seu amo o produto das suas fraudes. No entanto, decidiu ao menos conquistar os devedores, não lhes exigindo somas exageradas. Ao contrário, devolve (ou perdoa) o excedente injusto da dívida que supunham dever-lhe. Na parábola, vemos o mordomo infiel convocando os devedores de seu senhor, e através da pena rectificar o débito: cinquenta medidas de azeite em lugar de cem; oitenta alqueires de trigo em vez de cem. Se é certo que isto agravava sua insolvência para com o rei, reduzindo-o à miséria, também, por outro lado, ele, agindo deste modo, adquiria riquezas verdadeiras, isto é, o reconhecimento e a amizade das suas antigas vítimas. Ele os faz participar da fraude contra o senhor. Agora, pobre entre os pobres, homem entre os homens, ele será recebido, não mais como um publicano explorador, mas como um irmão em suas casas, de forma que esta hospitalidade se exercerá até à eternidade.

Por isto, o divino Mestre nos exorta: «Granjeai amigos com as riquezas injustas, para que quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos». Isto, em linguagem do Jubileu, significaria: praticai o jubileu que Eu vos anuncio, pois na medida em que remis ou libertais os outros, sereis libertados dos entraves que impedem a aceitação do reino de Deus, que é chegado a vós.

Diz a parábola: «E louvou aquele senhor o injusto mordomo, por haver procedido prudentemente.» Embora o elogio do rico não fosse o elogio de Cristo, ele louvou a sagacidade daquele que o defraudara. A sr.^a White declara a este propósito: «Cristo

não louvou o mordomo injusto, mas usou de uma ocorrência notória para ilustrar a lição que desejava dar» (6). Ela ainda nos diz que havia entre os publicanos casos idênticos ao da parábola, e ao ouvirem tal descrição reconheceram o seu próprio estado e aprenderam a lição. Os fariseus que tentaram difamar Jesus pela sua convivência com os publicanos eram agora também atingidos pela parábola que expunha. O povo participava da infidelidade do mordomo, aceitando o desconto fraudulento, proposto na «contabilidade das medidas de azeite e de trigo» (7).

Em suma, a parábola pretende ainda mostrar: que, assim como aquele senhor confiou riquezas ao mordomo, também Deus deu bens ao Seu povo, quando na distribuição de Canaã, os quais eles deviam administrar. Estes bens também são acompanhados de riquezas espirituais. Os israelitas tornaram-se avarentos enriquecendo, e julgaram-se ricos, mas injustamente. Só há uma solução: quanto aos bens materiais, distribuí-los pelos pobres irmãos, no jubileu; quanto às riquezas espirituais, deviam igualmente distribuí-las pelos que as não possuíam: os pecadores e gentios. Assim, antes que lhes fosse tirada a mordomia (como povo de Deus) deviam fazer provisão para o futuro, distribuindo as riquezas de Deus, que não sendo suas, eram necessárias aos que estavam em trevas. Neste contexto espiritual, de que o Jubileu era um pedestal social, se compreende a parábola.

Assim, na parábola do servo incompassivo, Deus é que toma a iniciativa do perdão das dívidas, ao querer remir os homens. Mas Ele espera que o homem proceda paralelamente para com o seu próximo. Na parábola do mordomo infiel, aparece-nos o homem que se antecipa a participar o perdão. Ele, ao ouvir o apelo divino: «Dá conta da tua mordomia» (aquando da proclamação messiânica do Jubileu), põe em prática o Jubileu, remindo (perdoando) as dívidas àqueles que são simultaneamente devedores do Senhor (proprietário de toda a terra) e de si próprio. Consequentemente, o Senhor Jesus também louvará aquele que prudentemente, antes de ser tocado pelo graça divina (Ano Aceitável ou de Graça) apregoada por Jesus, já pratica a devolução das riquezas injustas (ou seja os bens espirituais e materiais imprópriamente acumulados).

Estas duas parábolas confirmam que o Messias anunciou «um Ano Aceitável» ou «Ano de Remissão» no início do Seu ministério em Nazaré. Com efeito, o objectivo divino é: que os pobres oprimidos do diabo obtenham o perdão de suas dívidas (espirituais, também) e venham à posse dos bens

perdidos, os valores originais, tanto espirituais, como materiais: a perfeição, a santidade, a terra purificada (paraíso) e a liberdade em Cristo Jesus.

Já não ignoramos que nos tempos bíblicos o capital cifra-se pelos haveres em terrenos, casas, rebanhos, etc. Era também verdade que Deus como bom Pai desejava que os pobres voltassem à posse dos seus bens de raiz, no Ano de Jubileu, isto é, cada 49 anos. Ele queria assim proteger Seus filhos contra a avareza e evitar a acumulação do capital nas mãos de uma minoria. Nos Evangelhos, vamos encontrar Jesus como protector dos homens empobrecidos, vítimas do enriquecimento de uns poucos (a classe dirigente estava neste rol), que deixaram de dar crédito às prescrições jubilares. E a estes últimos que o Senhor Se dirige directamente: Vendei o que tendes, e dai esmolas, fazei para vós bolsas que não envelheçam, tesouro no céu que nunca acabe» (Luc. 12:29-33). Antes, porém, lhes dissera: «As gentes do mundo buscam todas essas coisas», referindo-se às matérias, que perecem. Mas Ele insiste «Buscai antes o reino de Deus e todas estas coisas vos serão acrescentadas».

A Igreja romana, através dos séculos, adoptou a «distribuição dos bens» como uma vocação particular, exemplificada na atitude dos monges. Cristo, no entanto, não parece conformar-Se com uma tal situação. Ele condena a suposta caridade exercida pelos fariseus, afirmando: «Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus» (Mat. 5:20). A estes, o Senhor critica a sua falta de justiça e misericórdia: «Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endo e o caminho, mas desprezais o mais importante da lei: a justiça, a misericórdia e a fé» (Mat. 22:23, versão. Dif. Bíblica). Aquelas coisas deviam praticar, sem omitir a «justiça» e «a misericórdia» e a fé. A que justiça faz Jesus referência? De certo Se referia àquela que está em ligação com e misericórdia: a justiça que na «aphesis» do baptismo do Espírito Lhe convinha cumprir. A mesma que a promessa do Consolador (Espírito) haveria de fazer-lhes sentir, logo que Ele viesse a eles (João 16:8).

A pobre viúva, apesar de ter perdido o seu sustento, da sua pobreza ainda deu mais para a Causa de Deus do que os ricos que Jesus referiu aos discípulos. A viúva compreendeu o espírito do Jubileu, dando o que tinha, e não o supérfluo.

Esse sentimento, tiveram-no os discípulos, quando exclamaram: «Eis que nós deixámos tudo (aphekamen panta), e Te seguimos». Deixaram todo o terreno em prol da vida eterna.

Esta é outra equação do Jubileu. Só quem se desprender deste mundo passageiro pode passar ao vindouro. Terrível, para muitos, equacioná-lo como difícil e foi para um zeloso guardador da lei, o mancebo rico. Ele quis saber das condições para a vida eterna. Jesus propõe-lhe: «Vai, vende tudo o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu» (Mat. 19:21). Mas foi-se embora triste, negando-se a praticar o Jubileu e a segui-l'O, como o fizeram os pescadores galileus, o publicano de Cafarnaum, Levi Mateus, e tantos outros posteriormente.

Mas em flagrante contraste está outro judeu enriquecido, chamado Zaqueu, que decide antes mesmo de encontrar Jesus pôr em prática o espírito do Jubileu. Ele era um publicano-usurário. Como aquele da parábola, enriquecera à custa dos pobres camponeses insolventes e à custa de pesados impostos a favor do representante romano. Contudo ao ouvir de João: «Não exigais mais do que é devido», ele sentiu que não podia continuar sua vida de fraude e, ao invés, decidiu encontrar à saída de Jericó, o Messias que houvera anunciado um ano de graça em Nazaré. Quando acusado pelos judeus ele explicou: «Eis que eu dou aos pobres metade de meus bens, e se nalguma coisa defraudei alguém, o restituo em quadruplicado». Zaqueu cumpria o exarado em Ex. 22:1, ao mesmo tempo que aderiu ao movimento de reforma jubilar empreendido por Cristo Jesus. Isto o Senhor realçou em Jericó, ao dizer: «Hoje veio a salvação a esta casa», isto é: eis um candidato ao reino de Deus.

Ser rico não é pecado, quando a riqueza é fruto do trabalho, e é ganho honradamente. Houve na Bíblia grandes homens de Deus que foram abastados, mas que no entanto se entregaram a Deus com seus haveres, numa total consagração. Contudo, para Jesus, os ricos que não se desligavam de seus entraves para O seguir não poderiam ser salvos. Para o Salvador, era tão difícil entrar no reino dos céus um rico, como um camelo entrar no buraco da agulha. «Quem poderá, pois, salvar-se?» perguntavam os discípulos a seu Mestre. A resposta está nestes dois episódios com dois ricos: um que recusa o convite do Messias, e o segundo que, já antes de ser convidado a morar com o Senhor, não vê dificuldades em desfazer-se dos bens obtidos por fraude e exploração do pobre.

Em paralelo com esta alegria de Zaqueu, está a firme e alegre decisão dos apóstolos que tudo deixaram para seguir o Rabi de

(Continua na pág. 19)



O CHAPÉU GRANDE DE FREDERICO

Yolanda Anversa da Silva

Frederico, um bondoso menino, ficou muito contente ao saber que o tio, que estava no estrangeiro havia oito anos, voltaria dentro de poucos dias.

Frederico tinha onze anos, e portanto não podia lembrar-se do tio, mas acreditava que devia ser um homem bom como o pai e assim esperava-o com ansiedade.

Além disso o tio prometera, numa carta, trazer presentes para toda a família.

— Irá o tio trazer muita coisa para mim, mamã? — perguntava ele com entusiasmo.

— Creio que não poderá trazer muito, meu filho. O tio tem muitos parentes aqui; ele não é rico e tudo está tão caro...

Afinal, quando o tio chegou, Frederico ficou tão contente por vê-lo e ver a alegria de todos, que se esqueceu do esperado presente.

Mas ao chegarem as malas, seus olhos se arregalaram. Qual não foi, porém, a decepção que teve ao ouvir o tio dizer: «Isto é para o Frederico», e apresentar um chapéu de material desconhecido, com abas mais largas do que as do chapéu do vaqueiro da fazenda do avô.

— Isto é o que usam os meninos lá na terra onde vivi esses oito anos, e eles gostam de chapéus assim, disse o tio.

Frederico agradeceu com um sorriso, mas interiormente estava decepcionado. A mãe notou isso e pensou o que poderia fazer para o menino apreciar o presente.

Todos os membros da família do Sr. Eduardo, pois era esse o nome do tio, procuraram utilizar logo, reconhecidos, as boas coisas que ele trouxera, mas Frederico guardou o chapéu.

— Que poderei fazer com ele? pensou. Se sair à rua com esse chapéu os meninos escarnecerão de mim.

Alguns dias depois, já descansado, o tio de Frederico manifestou o desejo de ir à fazenda, saudoso dos velhos pais e do lar da infância.

O menino ficou agitado. Nenhum passeio lhe agradava tanto e pediu para o deixarem ir.

— Podes ir, sim, disse o pai. Estás em férias e desejo que passes uns dias lá. A mamã irá também.

A fazenda estava maravilhosa e logo na manhã depois da chegada Frederico dispôs-se a percorrer todos os recantos dela.

— O sol está muito quente, disse o avô, pode fazer-te mal.

— Ah! disse a mãe, Frederico tem um bom resguardo contra o sol; e correndo ao quarto trouxe de lá o grande chapéu que trouxera na mala.

Frederico ficou surpreendido. Como lhe seria útil o presente do tio! Pôs o chapéu na cabeça e foi procurar os amiguinhos da fazenda.

— Que chapéu diferente e bonito tu tens, disse-lhe um. — Quem me dera ter um igual, disse outro. — Onde é que compraste esse chapéu, Frederico?

Quando passaram pelo campo, ouviram o Sr. Agostinho capinando com a cabeça nua sob o sol ardente.

— Oh! disse Frederico. Como pode este senhor ficar horas inteiras sob um sol tão abrasador?

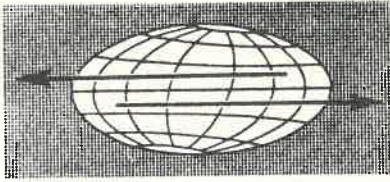
E num belo gesto tirou o chapéu que já estimava tanto e ofereceu-o ao velho. Este, quer pela idade, quer pela necessidade do momento, não se fez rogado; tomou o chapéu e agradeceu.

Os meninos ficaram espantados, mas Frederico, como se nada tivesse acontecido, convidou-os para brincarem à sombra e saiu a correr à frente deles.

Nessa tarde, à hora do jantar a mãe entregou a Frederico um lindo papagaio parlador, presente que lhe mandara o velho Sr. Agostinho.

O menino ficou radiante e contou à mãe porque recebia aquele presente. — Veja, disse, eu já gostava daquele chapéu, mas poderia usá-lo só poucas vezes; para o Sr. Agostinho vai ser útil todos os dias. E pense quanto me divertirei com este papagaio!

— Meu filho, voltou a mãe. Tu foste cor-tês, não demonstrando desagrado ao receber o presente que te parecia inútil e agora que o estimavas soubeste desfazer-te dele para beneficiar alguém. A tua alegria não provém só da satisfação de teres uma coisa que desejavas, mas também da certeza de teres praticado uma boa acção.



Através do MUNDO ADVENTISTA

Os Adventistas na Hungria

Recentemente visitei a Hungria após uma ausência de mais de 42 anos. Durante a minha visita celebrei o meu quinquagésimo ano de ministério. Eu tinha aqui trabalhado desde Agosto de 1922 até Dezembro de 1929.

É difícil descrever as emoções que senti quando me encontrei com alguns daqueles de quem fui pastor há tantos anos atrás. Agora são bastante idosos. E os que conheci como crianças e jovens têm hoje avançada idade. Encontrei os filhos e filhas dessas pessoas. Pareciam conhecer-me, evidentemente através de seus pais.

Cheguei a Budapeste numa Sexta-feira à noite e fui directamente à igreja central, onde 46 anos antes me tinha casado com minha noiva dinamarquesa. Na manhã seguinte, preguei em húngaro a uma grande congregação. No dia seguinte fui levado ao Lar Recreativo Adventista, excelentemente administrado e situado nas margens do Lago Balaton. Este lar tem uma capacidade de 65 pessoas e um bem equilibrado programa para o nosso povo. Fui mantido ocupado respondendo a inúmeras perguntas doutrinárias feitas por um grupo de ministros adventistas.

No fim de semana fui levado até Békés e Békéscsaba, meu primeiro grande distrito após a minha ordenação. A área tinha 11 igrejas e grupos com vários pastores e obreiras bíblicas. Este foi o ponto alto da minha visita. Preguei ali duas vezes, primeiro a 200 e depois a uns 600 membros.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na Hungria tem dirigentes e ministros capazes e inteligentes. Todavia, necessitam de mais do que de um ocasional seminário de verão com uma revisão de doutrinas com que aliás estão bem familiarizados. Desejam um conhecimento mais profundo do significado desta mensagem para hoje com uma compreensão exegética das Escrituras que lhes forneça respostas para os problemas do coração humano e especialmente dos jovens. Este desejo foi constantemente expresso pelos ministros com quem entrei em contacto. Esperamos que algo possa ser feito

neste sentido em favor dos nossos pastores e administradores na Hungria.

Garl G. Tuland

Dois Mil Adventistas na Letónia

Há uns 2 000 adventistas do sétimo dia na Letónia. Antes da II Guerra Mundial havia o dobro desse número, mas por várias razões o total desceu, ao cabo dos passados trinta anos, para o número actual.

Antes da guerra tínhamos um seminário da missão perto de Riga. Esta grande propriedade foi tomada pelo Estado. Os nossos edifícios de igreja são também propriedade do Estado. Todavia, as igrejas podem alugar edifícios. Também se espera que elas se encarreguem das devidas reparações. O aluguer e as despesas de reparação são cobertos pelos nossos membros da Letónia. Ocasionalmente os nossos dirigentes podem realizar reuniões de obreiros.

Os adventistas do sétimo dia da Letónia são fortes na fé. Aprenderam a levantar os olhos acima das possessões terrestres e a buscar a riqueza espiritual. Aguardam ardentemente o breve aparecimento do Senhor Jesus.

Austra Balka

Progresso na Divisão Sul-Americana

Durante o período de 1970 a 1972, mais de 68 800 pessoas foram acrescentadas à igreja pelo baptismo e profissão de fé na Divisão Sul-Americana. A nossa obra na Divisão começou em

1894. Decorreram sessenta e cinco anos antes de atingirmos 100 000 membros. Levou apenas oito anos para se alcançarem os segundos 100 000, e menos de cinco anos para se chegar a outros 100 000. Em 1971 houve uma média de 27 pessoas baptizadas em cada igreja adventista na Divisão e uma média de 54 por cada ministro ordenado na América do Sul. Durante o quadriénio de 1965 a 1968, mais de 97 400 foram baptizados. Todavia, nos quatro anos de 1969 a 1972 os que se baptizaram totalizaram 120 000. Em 1972 a União Sul-Brasileira atingiu um total de 100 000 membros.

O número de alunos das nossas escolas continua sempre a aumentar. Infelizmente, uma grande percentagem dos nossos jovens não conseguem frequentar as nossas escolas devido a dificuldades financeiras, mas este problema está sendo remediado pelo desenvolvimento de indústrias que forneçam trabalho aos estudantes.

Algumas drásticas reformas educacionais estão sendo introduzidas pelos governos de diversos países da América do Sul. Neste momento, não podemos ainda dar-nos conta do pleno alcance dessas mudanças. Mas mesmo nesta primeira fase é evidente que o nosso programa educacional adventista enfrentará algumas severas transições. Estamos orando para que o Senhor guie e proteja as nossas escolas, que tão importantes são para a preparação dos nossos jovens.

R. A. Wilcox

Gerente de Fábrica leva Operários à Igreja

O gerente de uma instituição de uma grande fábrica, que tem 14 000 empregados a seu cargo, está trabalhando para levar tantos quantos possível a Cristo.

Há poucos anos atrás esse gerente, Bill de Klerk, que trabalha para uma grande fábrica na área de Durban, África do Sul, não queria saber de religião para nada. Mas foi fortemente influenciado pela coerente vida cristã de sua irmã Ivone. O testemunho de sua irmã veio finalmente a vencê-lo. Ele e sua esposa receberam estudos bíblicos e foram baptizados.



Grupo de obreiros da Letónia reunidos para uma Convenção em Riga



Bill de Klerk (à direita) com alguns dos seus conversos

Dois meses mais tarde Ivone morreu num acidente de automóvel. Bill sentiu que devia levar avante o testemunho que ela estava dando. Decidiu que devia começar com os 14 000 empregados africanos, que lhe estavam confiados.

O seu primeiro passo foi pedir que fossem enviados colportores para contactar com os empregados. Como resultado, foram vendidos livros no valor de milhares de dólares. Em seguida um colporteur aposentado foi convidado a viver no local e a dar estudos bíblicos aos empregados interessados. No passado mês de Setembro, cinco homens, as primícias, foram baptizados.

Um dos conversos, Hopewell Nonquanduli, era um dos trabalhadores africanos mais bem pagos na fábrica, trabalhando seis dias por semana. Quando Hopewell pediu o Sábado livre, Bill fez tudo o que pôde para o ajudar, mas sem resultado. A única maneira de Hopewell poder continuar a trabalhar na fábrica seria ficar com um trabalho de categoria inferior, com uma redução de 50 % no salário. Bill e sua esposa, Joan, fizeram do problema de Hopewell um assunto de oração.

No dia seguinte o gerente da fábrica disse a Bill que necessitava de dois homens para um trabalho especializado, com cinco dias de trabalho por semana. Devia ter certas qualificações. Hopewell tinha essas qualificações.

Sem dizer a Hopewell o que ultimamente se tinha passado, Bill perguntou-lhe o que planeava fazer acerca do Sábado. Ele respondeu: «Fiz a minha decisão. Mesmo que tenha de voltar a ser um operário comum, vou guardar o Sábado.»

«Então Deus já providenciou para si», respondeu Bill. E explicou a solução que se apresentara.

Bill está agora realizando reuniões evangelísticas leigas. Quando pregou o seu primeiro sermão, o salão estava cheio.

L. K. McDowell

Mãe de Setenta Filhos

A Sr.^a Arlete Freitas, da igreja do Méier, GB Brasil, é a mãe mais afortunada que conhecemos. Ao conversarmos com ela



Irmã Arlete Freitas

sentimos o ar de alegria e contentamento que invade sua alma ao relatar a experiência do nascimento de tantos filhos. Tudo aconteceu dentro de um ano. A cada 5 dias a Irmã Arlete tinha um novo filho. Hoje esses setenta filhos formam um batalhão dentro da Igreja. São homens, mulheres, jovens e juvenis—gente de toda a cultura, de capacidades várias, que agora ajudam a compor o contingente

daqueles que lutam para plantar e regar a bendita semente.

Talvez alguém queira desvendar o segredo de Arlete. Onde reside a possibilidade de preparar tantas almas em apenas um ano? Dois pontos principais, além do poder de Deus, devem ser citados: trabalho e entusiasmo para levar à decisão.

Diz o Espírito de Profecia: «Muitos estão no vale da decisão, onde são necessários apelos incisivos e penetrantes para incentivá-los a depor as armas da sua peleja e colocar-se ao lado do Senhor.»—*Testimonies*, vol. 5, p. 646. «Fazei apelos pessoais directos.»—*Ibidem*.

Façamos mais apelos e atingiremos melhores resultados!

Rodolfo Cavalieri

NOTÍCIAS DO CAMPO

(Continuação da pág. 18)

sententes nesta última reunião a quem pudemos logo convidar para a série «Ao Encontro da Vida» e especialmente colocar ante o apelo de aceitação de Cristo como seu Salvador pessoal que o Pastor Antônio Baião de dentro do baptistério lhes dirigiu. A este apelo cerca de sessenta dos visitantes vieram à frente para a oração de intercessão e bênção.

Estamos muito gratos a Deus por estes dez dias inesquecíveis e tão abençoados; gratos ao Pastor Antônio Baião pelas suas mensagens e simpatia; gratos a todos que conosco colaboraram.

Walter Miguel



Funchal — Escola Cristã de Férias

A REPÚBLICA DO NIGER abre a porta à Mensagem

por Edward E. White

Em 5 de Janeiro de 1972, o Conselho da Divisão Euro-Africana transferiu a república do Niger da lista dos territórios ainda não penetrados e colocou-a sob a responsabilidade da União da África Equatorial. Edwin Ludescher, o presidente, e seus colaboradores não perderam tempo em proceder a investigações e em procurar maneira de obter entrada naquele país. Por altura da reunião anual em Novembro, o mesmo Conselho da Divisão votou fundos para apoiar o progresso inicial que havia sido feito.

O Niger é um vasto país de cerca de duas vezes o tamanho da França. Em virtude de formar parte do deserto do Sara, é bastante seco e arenoso. No entanto, ao sul, cerca de um quarto do território tem uma média anual de precipitação de chuva correspondente a 14 polegadas, concentrada numa estação, de madeira que é possível um certo grau de cultura. Dezembro e Janeiro são meses agradáveis, mas em Maio e Junho a temperatura pode subir até ...45 graus centígrados à sombra — onde há sombra! O Rio Niger, que corre ao longo da fronteira meridional, é portanto um dos mais quentes lugares da terra.

Há aproximadamente quatro milhões de habitantes no Niger, metade dos quais pertencem às tribos Hausa. A maioria vivem no sul do país, mais em pequenas concentrações do que em grandes cidades. A capital Niamey, por exemplo, tem apenas 80 000 habitantes, cerca do dobro da população da segunda cidade, que é Zinder.

Mais de noventa por cento da população é muçulmana, sendo os dez por cento restantes animistas ou com tendências para essa religião. Há um total de 16 000 cristãos, três quartos dos quais são católicos, e um quarto protestantes. Tanto a educação como a medicina são dois departamentos muito necessitados, pois apenas uma criança em cada dez frequenta a escola e mais de meio milhão não têm qualquer oportunidade de se instruir; há um médico para cada 50 000 habitantes e cerca de 800 enfermeiros e enfermeiras em todo o país. Há três hospitais principais e vários centros médicos, clínicas e dispensários, mas tudo isto é insuficiente para as necessidades físicas dos doentes.

Em meados de Outubro, Ewin Ludescher e Maurice Zehnacker chegaram a Niamey para estabelecer contactos com dirigentes

influentes do governo, tendo em vista o início da obra educacional ou médica, ou ambas. Juntou-selhes Henri Kempf, um verdadeiro pioneiro em muitas partes, que lhes foi cedido pela União da África Ocidental, da nossa vizinha Divisão. Todos sentiam que a sua experiência e conselho seria valiosa para os dois representantes da União da África Equatorial. Os três realizaram um culto num quarto de hotel num dia de Sábado, a primeira vez que adventistas do sétimo dia se reuniam para uma reunião religiosa neste país até então não ainda penetrado. Os três pioneiros estudaram a encorajadora mensagem do profeta evangélico: «Amplia o lugar da tua tenda, e as cortinas das tuas habitações se estendam; não o impeças; alonga as tuas cordas, e firma bem as tuas estacas. Porque transbordarás à mão direita e à mão esquerda; e a tua posteridade possuirá as nações.» (Isaías 54:2, 3.)

A primeira visita que os nossos representantes fizeram foi à presidência para tentarem combinar uma entrevista com o chefe do Estado, Sr. Hamani Diori, e em seguida ao ministro da saúde. Era evidente que Deus tinha preparado o caminho para os Seus embaixadores terrestres. Duas entrevistas se realizaram com muito êxito. Na última foi sugerido que no dia seguinte visitassem o distrito de Oualam, cerca de 90 quilómetros ao norte da capital onde havia grande necessidade da obra médica, sendo o transporte fornecido pelo governo. A entrevista presidencial foi ainda mais bem sucedida. Ao saber que os seus visitantes eram adventistas do sétimo dia, Sua Excelência mandou chamar um funcionário, francês, casado



O Niger abre as portas à Mensagem Adventista



O Presidente do Níger deseja que os Adventistas construam um Hospital neste local

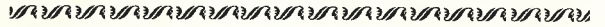
com a filha do Pastor Charles Veuthey, da Suíça, actualmente aposentado. Ele explicou que a nossa revista mensal *Sinais dos Tempos* e outras revistas eram regularmente enviadas a esse funcionário, que por sua vez as passava ao presidente. «Temos estado à vossa espera durante dois anos», acrescentou ele. Ele tinha muitas vezes perguntado a esse funcionário quando é que os adventistas viriam.

O presidente salientou a prioridade das necessidades médicas no seu país. Sugeriu o estabelecimento de um hospital na margem oposta do Rio Níger, perto de uma ponte recentemente construída, num local excelente com relação à capital. Essa foi uma ideia providencial, pois que a visita do dia seguinte ao norte revelou uma zona muito árida, quase sem possibilidade de água no fim da estação seca, tornando-a muito inconveniente para o estabelecimento de um hospital.

As portas para este novo país estão agora abertas de par em par. Temos o favor das autoridades e, mais importante ainda, provas da direcção do Senhor, que disse: «Convém que Eu faça as obras d'Aquele que Me enviou enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar.» (João 9:4.) Devemos aproveitar as oportunidades que agora se levantam e ir em auxílio do povo em suas necessidades físicas, de maneira que os possamos ajudar também em seus anseios espirituais.

Uma dotação especial foi votada no orçamento anual da Divisão para iniciar o trabalho no Níger, mas o que é isto no meio

de tão grandes necessidades! Necessitamos que a multiplicadora mão do Senhor abençoe os nossos consagrados esforços de maneira que nesta área entre o Sara e o Níger possa haver uma colheita como resultado da queda da chuva serôdia.



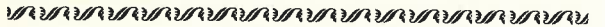
DEVEMOS ORAR DE JOELHOS?

(Continuação da pág. 5)

mas essas palavras não amortecerão em silêncio, nem serão perdidas. Coisa alguma pode sufocar o desejo da alma. Ele ergue-se acima do burburinho das ruas, acima do barulho das máquinas. É a Deus que estamos falando, e a nossa oração é ouvida.' — *Obreiros Evangélicos*, pág. 258.

«Para orar não é necessário que estejais sempre prostrados de joelhos. Cultivai o hábito de falar com o Salvador quando sóis, quando estais caminhando, e quando ocupados com os trabalhos diários.' — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 511.» — *Ellen G. White Publications Office Document*, 17-2-1960.

Esperamos que o assunto esteja claro agora. Lembre-se sempre que no cristianismo vale mais a intenção do que a atitude, a fé mais do que as obras.



COISAS BELAS

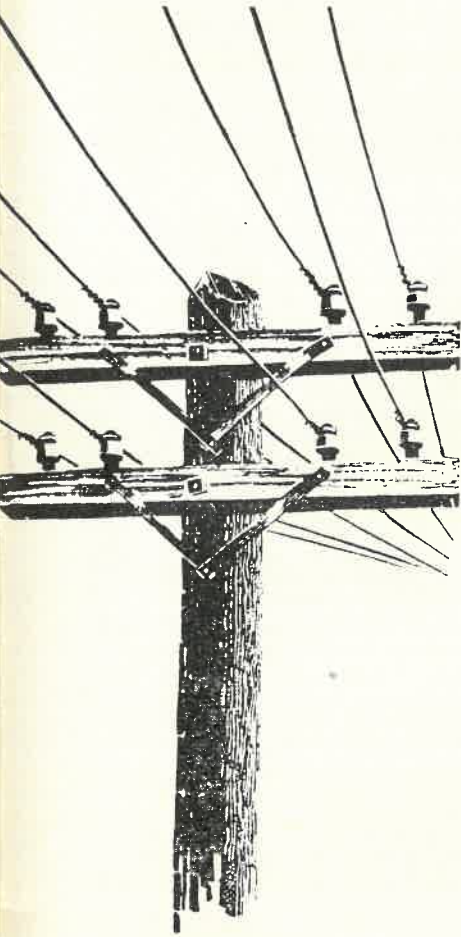
*É belo o rosto em que, calma,
Se espelha uma alma,
E fulge o sol da virtude,
Seja delicado ou rude.*

*São as mais belas
De todas as mãos, aquelas
Que distribuem a esmola
Que a dor consola,
E trabalham com vontade
Pelo Bem, pela Verdade.*

*São belos os pés que correm,
Quando socorrem
Qualquer sofrimento alheio,
E, sem receio
Das pedras e dos espinhos
Dos mais ásperos caminhos,
Seguem aonde os conduz
A palavra de Jesus.*

Jónatas Serrano

NOTÍCIAS DO CAMPO



D. C. Uffindell

Acompanhado de sua esposa, esteve alguns dias em Portugal o Pastor D. C. Uffindell, secretário do Departamento da Rádio da União Britânica. No Sábado, 27 de Janeiro, pregou na igreja de General Roçadas.

Samuel F. Monnier

A fim de preparar MISSÃO 73, esteve no Porto, de 9 a 13 de Fevereiro, o Pastor Samuel F. Monnier, presidente da União Sul-Europeia, que virá dirigir naquela cidade a campanha a realizar-se durante o mês de Março.

ODIVELAS

Reuniões de reavivamento

Vão já decorridos alguns meses desde que esta igreja teve o prazer da visita do Presidente a nossa Associação, Pastor Ernesto Ferreira, que com muita inspiração durante 10 serões cativou a assistência, composta de muitos irmãos e um bom número de visitas muito assíduas, com o aliciente tema «Realidades Espirituais». A grata visita do

Pastor Ernesto Ferreira encerrou com uma cerimónia de baptisamos a que também nos quis dar o prazer de officiar .

Plano de cinco dias

De 9 a 13 de Fevereiro corrente, teve lugar em Odivelas o plano de cinco dias para deixar de fumar.

Embora os resultados deste plano, realizado noutros lugares tenham sido sempre animadores, aqui — porque não o confessar? — havia quem manifestasse uma certa dose de dúvida quanto ao seu êxito. O motivo de tal ponta de pessimismo talvez fosse devida ao facto de Odivelas ser por assim dizer uma cidade satélite, cujos moradores, na sua maioria, fazem a sua vida em Lisboa, regressando aqui à noite e sempre tarde, devido ao engarrafamento do trânsito, para descansar. Em tais circunstâncias, a pergunta surgia: estarão as pessoas dispostas a sacrificar o que o lar lhes proporciona depois do jantar, talvez um «bom» filme na TV que apaixone ou outro ainda melhor acompanhado de uma música de «gritos» a inspirar uma boa soneca a corpos fatigados, tudo isto em troca de uma charla convidando-os a deixar o que muitos consideram o melhor da vida? Será possível que haja quem se interesse?

Não nos poupámos, porém, a esforços para que o curso se realizasse nas melhores condições possíveis. O factor essencial era o local adequado, depois da boa vontade e espírito de sacrificio revelados desde a primeira hora da parte dos Irmãos que iriam presidir ao curso, Pastor Ernesto Ferreira e Dr. Samuel Ribeiro. Algumas portas se abriram ante nós com manifesta boa vontade de nos ajudarem, só o ambiente é que não era dos melhores, mas o Senhor tinha reservado para nós o que excederia todas as nossas expectativas. Mercê da extraordinária amabilidade e boa vontade do Sub-Director da Escola Preparatória Avelar Brotero, foi posta à nossa disposição o melhor local da sua Escola — a sala audio-visual — com toda a sua aparelhagem, máquinas de projecção, etc., e até mesmo pessoal técnico. Não menos digno de menção foi o facto da cedência da Sala ter sido superiormente autorizada pela Direcção-Geral do Ensino Básico.

Não foi fácil calcular a assistência à primeira sessão, devido ao facto do Salão que normalmente leva à vontade cem lugares sentados, agora talvez duplicassem com cadeiras doutras salas e os corredores invadidos pelos alunos — rapazes e meninas — que saíam das aulas nocturnas.

Inscrições: Na primeira noite contámos cerca de 100, atingindo



Odivelas — O Dr. Samuel Ribeiro falando na altura do «Plano de Cinco Dias»



Odivelas — Aspecto da assistência ao «Plano de Cinco Dias»

na 3.^a noite 130. É difícil imaginar quem experimentava maior entusiasmo, se o médico, se o psicólogo, os colaboradores ou o público, o primeiro e o último beneficiado!

Uma coisa sabemos, e isso o ouvimos da boca do Dr. Samuel Ribeiro: «O plano de 5 dias ainda é um dos melhores meios de alcançar o público com as boas coisas que nós temos para dar ao mundo e como campo de acção evangelizadora.»

Quantos deixaram de fumar como resultado do Curso?

É difícil saber. Sempre ouvimos dizer que a média ronda os 70 % dos inscritos. Teria sido esse o resultado aqui? Uma coisa sabemos, é que todas as pessoas que participaram e com as quais temos contactado são unânimes em declarar que se mantêm firmes ao que prometeram. Há também os que, não tendo podido assistir ao Curso, mas influenciados pelos que lá estiveram, deixaram de fumar e também nos têm manifestado a sua gratidão. Entre os que nos são gratos há algumas esposas que acompanharam os seus maridos para lhes darem ânimo e agora se regozijam não só pelos bons resultados obtidos pelos escravos do vício, mas também pelos benefícios do ar mais puro que toda a família desfruta em casa.

Estamos agora empenhados em visitar cada pessoa que preencheu o Boletim de Inscrição, a fim de as convidar a assistir na igreja às conferências de Misão 73. Que o Senhor se digne abençoar a semente lançada nos corações!

P. B. Ribeiro

FUNCHAL

Sob a égide de «A Voz da Esperança» realizaram-se no mês de Fevereiro duas séries de conferências públicas de que foi orador o Pastor António Baião, departamental da Rádio da Associação Portuguesa.

Quer a primeira série, de 9 a 11, quer a segunda, de 12 a 18, tendo como tema respectivamente «Lar e Felicidade» e «Jesus está cá e chama-te...!» tiveram uma assistência sempre pontual e atenta além de constante e numericamente crescente enchendo sempre a vasta sala.

Pois fizemos aqui a experiência de que uma boa publicidade dá sempre os seus frutos, quando

ainda por cima tem o apoio da assim como a do nome do seu popularidade de um programa como o de *A Voz da Esperança* locutor. A publicidade a estas séries de reuniões incluía para além dos sempre frutuozos e indispensáveis contactos pessoais, o telefone, a rádio e a imprensa.

Quase sempre os bancos do Templo foram insuficientes para receber as senhoras, os jovens e cavalheiros que nos visitavam. Quinze minutos antes da hora anunciada, um bom grupo vinha para conosco entoar alguns cânticos como «Temos a Esperança», «Canta hosana», «A Paz do Céu», e «Caminhando»; também imediatamente após cada palestra cerca de trinta visitantes — inscritos no «Futuro Brilhante» na primeira reunião — ficavam durante alguns instantes para o estudo progressivo deste curso por correspondência.

Para abrilhantar as palestras que foram sempre proferidas com clareza, simplicidade e o poder do Espírito, utilizaram-se alguns filmes movimentados e também diapositivos alusivos, tendo ainda o Coral da Igreja contribuído para o bom ambiente destas reuniões.

Para terminar e ilustrar a última palestra «Com Cristo no Jordão», oito jovens testemunharam publicamente pelo baptismo a sua entrega ao Senhor. Foram momentos inesquecíveis para nós e para todos, que, ao despedirem-se, nos diziam da sua alegria pelo que tinham visto e ouvido. Foi à volta de quatrocentos o número dos que estiveram pre-

(Continua na pág. 14)



Funchal — Membros recém-baptizados, com o Pastor A. Baião e os obreiros locais

GERENTES DE DEUS

(Continuação da pág. 7)

organizar as suas forças para cuidar deste trabalho tão rapidamente expansivo. Eles crescem em todos os lugares em que estão trabalhando, incluindo a Europa. Vão onde o povo se encontra, de porta a porta, com os seus ensinamentos. Dois anos de cada jovem são dedicados ao trabalho da igreja.

«Todo o céu está à espera de condutos pelos quais possa ser vertido o óleo santo para ser uma alegria e bênção para os corações humanos.» (12). Temos nós feito esperar os seres celestiais? Temos sido egoístas com o talento do tempo? Não se pode encontrar declaração mais solene do que esta: «... um anjo de Deus anota a maneira como os Seus preciosos momentos são empregues.» (13). Pensar que o meu Salvador está esperando que eu seja um coobreiro Seu em alcançar almas pelas quais Ele morreu é um angustiante pensamento. Não que Ele precise de mim, porque numa noite os anjos do céu poderiam terminar a Sua Obra, mas para estar *com Ele* eu devo crescer até à Sua estatura. Não podemos ser qual Cristo sem amarmos e e testemunharmos aos outros, como Ele fez.

Ele é o dono do nosso tempo, dos nossos talentos e dos nossos meios. Estes apenas nos são confiados a nós, Seus gerentes. Se o Irmão ou a Irmã foi e enterrou estes bens do Mestre, como fez o servo infiel da parábola, vá depressa cavá-los e ponha-os a trabalhar para Ele, porque Ele está quase a voltar e vai pedi-los de sua mão. O tempo voa e nós temos um grande trabalho a fazer na Europa. Cada lar e cada alma têm de ter a oportunidade de conhecer o nosso bem-amado Amigo e Mestre. Este é o trabalho que no foi confiado. Responderemos nós: «Eis-me aqui: envia-me a mim?»

O JUBILEU NOS ENSINOS

DE JESUS CRISTO

(Continuação da pág. 11)

Nazaré, esperançosos na recompensa de cem vezes mais neste mundo e a vida eterna no futuro. Isto é jubileu, é redenção, libertação e restauração.

Conclusão final: a solenidade do Ano do Jubileu, que prescrevia: repouso das terras e dos homens que as trabalhavam; remissão ou perdão das dívidas; libertação dos cativos na servidão; e restituição dos bens ao possuidor original, não era senão um tipo, ou figura, da obra redentora realizada em Cristo Jesus, quando esteve entre nós. Seu ministério, como já vimos, iniciou-se desde esta plataforma social, da qual Ele partiu para uma espiritual. Além do jubileu social anunciado por Jesus, um ano de aceitação soa cada vez que Cristo é pregado, pois o Jubileu é o próprio Cristo, visto que Ele encarna em Si: o repouso que resta para o povo de Deus, o perdão para as nossas faltas, a libertação do cativo e usurpador da terra, regresso à posse dos bens inicialmente dados a Adão.

Sendo assim, a efectivação deste novo Jubileu, de que o outro era uma sombra, será no reino que o Senhor nos prepara.

Agora, como numa oração final, diríamos: Senhor já que nos libertaste da servidão do pecado, não nos deixes entregues a nós mesmos, mas faz-nos Teus servos e por todo o sempre.

Este é o Jubileu Cristão, a que devemos aderir.

Bibliografia:

- (1) — André Trocmé, *La Revolution Non-Violente*, p. 36 — Labor et Fides-Genève.
- (2) — E. G. White, *O Maior Discurso de Cristo*, p. 99.
- (3) — Evangelho Segundo S. Mateus, cap. 18:23-35.
- (4) — E. G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 247.
- (5) — Evangelho Segundo S. Lucas, cap. 16:1-9.
- (6) — E. G. White, *Parábolas de Jesus*, p. 367.
- (7) — Joachim Jeremias, *Les Paraboles de Jésus*, p. 240.

- (1). Parábolas de Jesus, p. 342.
- (2). Parábolas de Jesus, p. 342.
- (3). Ecl. 12:1.
- (4). Parábolas de Jesus, p. 342.
- (5). 2 Testimonies, p. 22.
- (6). 3 Testimonies, p. 405.
- (7). Testemunhos Selectos, edição mundial, vol. 1, p. 386.
- (8). Testemunhos Selectos, edição mundial, vol. 3, p. 382.
- (9). A Ciência do Bom Viver, p. 143.
- (10). A Ciência do Bom Viver, pp. 143 e 144.
- (11). Serviço Cristão, p. 19.
- (12). Parábolas de Jesus, p. 419.
- (13). Conselhos sobre Saúde, p. 417.

Breves Notícias

da DIVISÃO EURO-ÁFRICANA

★ Arturo Schmidt, evangelista da Divisão, dirigiu seis semanas de reavivamento na França, Bélgica e Alemanha, durante as últimas semanas de 1972 e as primeiras semanas de 1973. Como resultado destas reuniões especiais 43 pessoas foram baptizadas.

★ Durante os passados dois anos realizaram-se 64 Planos de Cinco Dias para Deixar de Fumar na Conferência da Bélgica e Luxemburgo. Há 1 296 membros que se reúnem em 24 igrejas, e estão sendo feitos esforços de evangelização em 40 centros populacionais diferentes. Dois volumes do Espírito de Profecia, *O Conflito dos Séculos* e *Santificação* estão sendo preparados para se imprimirem na língua flamenga.

★ A igreja de Tunygmatoics, Hungria, que ficou arruinada pelas inundações do ano passado, acaba de ser reconstruída, e recentemente os membros celebraram o quadragésimo aniversário da igreja. Os fundos para a reconstrução tinham sido originalmente destinados para Kamut, mas os crentes de Kamut resolveram o seu problema de um local de culto comprando a casa recentemente construída de um dos membros da igreja.

★ Um pastor protestante na República Democrática Alemã pediu aos adventistas do sétimo dia que enviassem literatura explicando o livro de Apocalipse para interpretar esse livro à sua congregação. O seu pedido foi atendido, e espera-se que muitos tomarão conhecimento do pleno ensino do Apocalipse, incluindo as mensagens dos três anjos.

★ Um acampamento bíblico para estudantes universitários adventistas foi organizado em Alpe-du-Grand-Serre por Alain Archidec. Ele apresentou conferências sobre os manuscritos bíblicos, e Jean Flori, professor de Bíblia no Seminário Adventista de Collonges, falou sobre a inspiração das Escrituras. O pequeno grupo de quinze jovens apreciou imensamente o acampamento e encontrou respostas satisfatórias para perguntas que tinham sido levantadas durante os seus estudos universitários.

★ Hugo Visani, da Argentina, chegou à Itália, vindo de Nova York, onde serviu como pastor na Greater New York Conference durante cinco anos. Ele uniu-se ao corpo de ministros da Associação Italiana como secretário dos Departamentos dos M.V. e Educação.

★ A União Angolana encomendou 2 500 exemplares do *Conflito dos Séculos* em português para serem colocados pelos colportores.

★ Angel Codejón, secretário associado do Departamento das Actividades Leigas da Divisão Euro-Africana, e Charles Cornaz, secretário do Departamento das Actividades Leigas da Conferência da Suíça Francesa, passaram uma tarde indo de casa em casa em Vevey com a «Bíblia Responde». Entre as pessoas que contactaram encontrava-se uma senhora espanhola, que prometeu guardar o seu primeiro Sábado na semana seguinte. Vários outros se inscreveram no Curso Bíblico por Correspondência.

★ No princípio de Janeiro os secretários de publicações das diferentes Uniões da Divisão Euro-Africana reuniram-se em Oerlimatt, Suíça, sob a direcção de Edouard Naenny, secretário de Publicações da Divisão, e H. Kätzner, secretário associado. Uma resolução interessante adoptada para 1973 foi que cada colportor ganharia outro colportor durante o ano, dobrando assim os efectivos do exército de soldados da página impressa.

★ A Associação Italiana relatou 515 novos membros, acrescentados à igreja pelo baptismo durante 1972, ao passo que em 1971 esse número foi apenas de 193. A maior parte destes baptismos realizaram-se no termo de mais de cem semanas de reavivamento que se realizaram nas igrejas durante o ano. Uma oferta de sacrifício para o evangelismo foi levantada por altura dessas semanas de refrigério espiritual, totalizando 15 milhões de liras. Este dinheiro será usado para MISSÃO 73.